



AS CONSEQUENCIAS DUM CRIME

Já faleceram na Guiné quatro operários deportados!

A BATALHA recebeu ontem a trágica notícia de que àlem de Manuel Tavares, cujo falecimento já noticiámos, morreram os operários João Nunes Carreira e Manuel Duarte Pereira. Internados em regiões perigosas, aqueles deportados não puderam resistir à inclemência do clima. Os outros deportados encontram-se quase todos gravemente enfermos, correndo o boato de que Joaquim António Pereira faleceu também.

Todas estas tristes notícias foram expedidas de África para **A BATALHA** há bastantes dias, pelo telegrafo. A central telegráfica, porém, evocando o artigo 7.º da Convenção Internacional Telegráfica, interceptou-os. Contra esta censura telegráfica, que o tal artigo 7.º não justifica, protestamos energicamente.

Em face de todos estes casos lamentáveis preguntamos ao governo: que pensa fazer?

MAU CRITÉRIO

Porque o presidente do ministério, há dias entrevistado por uma comissão do Secretariado de Assunção Jurídica da C. G. T., tivesse declarado que iria estudar rapidamente a questão dos deportados e regularizar a situação dos operários presos nas várias esquadras de Lisboa, e ainda porque examinados estes problemas não se pode chegar a outras conclusões senão: o regresso imediato dos deportados à metrópole e a libertação dos detidos sem culpa formada — o *Diário de Notícias* apressou-se ontem a vir, como se devia em linguagem do povo, ditar súgria na fervura.

E fê-lo dumha maneira jesuítica, que lhe é peculiar, não se atrevendo a analisar a situação ilegal em que se encontram presos e deportados, mas insinuando que todos eles eram bandidos da pior espécie e que a sua libertação seria perigosa para a vida do sr. Ferreira do Amaral, que tem recebido muitas cartas anónimas ameaçando-o.

Estamos convencidos de que aquela laútria não foi encorajada pelo sr. Ferreira do Amaral, que é pessoa valente. Cartas anónimas ameaçando-nos recebemos nós, aqui, muitas e, não sendo valentes, elas não nos atemorizaram ainda.

O que merece interesse, portanto, nessa local do *Diário de Notícias* é o estreito e reacionário critério que preside aos seus juízos. Sendo um jornal defensor da ordem e da legalidade, vem pugnando por que se mantenha uma situação de desordem e de ilegalidade.

Os presos encontram-se em circunstâncias ilegais. Depois de estarem incomunicáveis durante cincuenta e oitenta dias (quando a lei só o permite por 48 horas) continuam detidos sem culpa formada, o que segundo a lei não poderia ir além de oito dias. Quanto aos deportados, que nos aponta o referido jornal a lei, o diploma oficial que sanciona as suas deportações, sem julgamento prévio, em condições normais a que têm direito todos os cidadãos.

Haja decôr na maneira de elucidar o público e não crie o *Notícias* nos seus leitores errôneos critérios porque pode um dia vir a ser vítima da sua obra. O período de perseguição e de censura que a imprensa sofreu, ainda não há muito tempo, constitui um frísante exemplo, pois demonstra quão perigoso é dar força a arbitrariedades, que mais tarde podem transformar-se em armas que nos firam de risco em pleno coração.

A repressão francesa

PARIS, 21. — Foram elegidas 22 prisões de indivíduos implicados no atentado contra o presidente e vice-presidente do parlamento bálgaro.

Em consequência do atentado, o governo francês deliberou expulsar os subditos estrangeiros filiados no partido comunista francês.

Aviação trágica

MILÃO, 21. — Em consequência dum violento golpe de vento voltou-se um avião, que caiu no solo, perto de Abbiategrasso.

Os dois aviadores foram encontrados já falecidos.

O correio de África acaba de chegar. Traz notícias tristes, notícias trágicas acerca dos deportados.

Telegramas de Bolama foram expedidos há dias no intuito de nos avisar do que por lá se passa. Mas o telegrafo, evocando o artigo 7.º da Convenção Internacional Telegráfica, sustou-os, conforme um memorando que o Cabo Submarino enviou ao seu chefe, o qual transcrevemos a seguir:

Ex-mr. Sr. — Temos de informar a v. que a estação de Lisboa avisa que o telegrama no dia 29 de Julho p. p. para "Batalha" Calçada Combro 38-A Lisboa foi arrestando, segundo a disposição do artigo 7.º da Convenção Internacional Telegráfica. — Sem mais assunto, somos de v. etc. — pelo chefe, W. Cob.

Os deportados falecidos vítimas do clima

Esses telegramas limitavam-se dizer lacunadamente, como a natureza do comunicado exigia, que os deportados Manuel Tavares, João Nunes Carreira e Manuel Duarte Pereira haviam falecido na Guiné.

Não compreendemos o motivo porque tal notícia pudesse ser suscitada. Apenas vimos nesse arresto de telegramas o propósito governamental de sustar por mais algum tempo uma notícia que mais tarde ou mais cedo viria a saber-se e que confirmava as terríveis consequências dum crime tremendo que exige imediata reparação.

Ontem a correspondência daquela colónia tudo esclareceu, tornando-nos conhecimento, doloroso conhecimento de que além de Manuel Tavares, barbeiro, cuja morte noticiámos há dias, faleceram também mais dois deportados: João Nunes Carreira, descarregador e Manuel Duarte Pereira, mantepeador de pão.

O clima, o terrível clima de Canhabaque (interior da Guiné) para onde bárbaramente os enviaram é que os matou — mas foi o governo de Vitorino Guimarães quem os condenou à morte, sem forma de processo, sem julgamento!

Razão tinhamos nós, quando por ocasião das deportações protestávamos contra essa infâmia, pois o que se estava fazendo, constitui o pior dos crimes, era condenar à morte indivíduos cujas responsabilidades os tribunais regulares não haviam apurado.

Esta dolorosa notícia deve ter já produzido, em alguns lares dramáticos efeitos. Espouses, mães e pobres crianças que ainda há dois dias foram tranquilizadas pelo presidente de ministério sobre a sorte de seus parentes queridos acabam de saber que eles tombaram para sempre, sem saberem porquê — só porque uma polícia mais poderosa do que o poder judicial os meteu a bordo, sob a sanção dum ministro do Interior, Vitorino Godinho, cujo nome não

esquece, e os enviou brutalmente para a morte.

Mais notícias — Maus preságios — Deportados doentes

Mais notícias tristes da Guiné. A data da saída das cartas de África para Lisboa corria com insistência o boato de que Joaquim António Pereira, que estava gravemente enfermo, tinha falecido também, e que quase todos os deportados naquela colónia estavam gravemente doentes, recorrendo a cada momento um desenlace fatal.

Que vai fazer o governo em face disto?

Perante este estado de coisas ocorremos pregar agora ao actual governo que pensa fazer. «Permitir que se prolongue por mais tempo uma situação anormal e ilegal que tão maus resultados já trouxe?» Espera-se que todos os deportados morram, para depois mandar julgar os seus cadáveres?

«Não sentirá remorsos por a exagerada demora em reparar um erro grave implicar a morte de muitos deportados, possivelmente inocentes?

O momento não está para demoras. O governo tem de agir.

Foram deportados dezenas de criaturas sem prelio julgamento?

Urge que essa injustiça seja imediatamente reparada. Urge que os deportados regressem desde já a Lisboa e aquí sejam julgados em condições normais — visto que a lei, numa democracia, é igual para todos.

O "Mato da Morte"!

O mato de Canhabaque, onde muitos deportados se encontram, é conhecido por elas pela expressão eloquente de *Mato da Morte*. Ali faleceram os operários cujos nomes já mencionámos. Ali se encontram gravemente enfermos Alvaro Damas, José Castela, José Alves dos Santos, Raúl Honório e Pedro Guia de Oliveira. Também deu entrada no hospital, com um princípio de perniciosa, Mário Gonçalves.

O governo deve mandar retirar imediatamente daquele local os deportados que ali se encontram. A sua permanência ali é um crime. E como nenhum tribunal os condenou, ficam as famílias dos deportados com o direito de exigirem do governo todas as responsabilidades do que sucedeu, o que por si, possivelmente, venha a acontecer.

Em Cabo Verde há deportados doentes!

De Cabo Verde também as notícias não são animadoras, embora não assumam o

aspecto assustador dos da Guiné. Fomos informados de que alguns deportados naquela colónia se encontram atacados de febre, entre elas Daniel Severino.

As famílias dos deportados que receberam ontem estas tristes notícias estiveram em grande número na nossa redacção, sendo contragolpe o estado atípico em que se encontravam. Resolveram reunir na segunda feira, pelas 12 horas, na calçada do Combro, para daqui seguirem para a presidência do ministério a fim de reclamarem o imediato regresso dos seus parentes, o que é de toda a justiça.

Uma carta de Bernardino dos Santos

Com pedido de publicação recebemos de Bernardino dos Santos, que se encontra em Cabo Verde, a carta que a seguir publicamos:

Sr. Redactor de «A Batalha»: Permita-me que por intermédio do seu mui conselhado jornal lance a público o meu mais veemente protesto, contra a forma arbitrária e ilegal como a polícia procedeu para comigo, retirando-me do convívio dos meus, para me mandar para as plagas africanas, como se, de facto, algum delito tivesse cometido e fosse condenado pela Sociedade. Não é assim que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que a polícia, com uma função especialmente, não aquela que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas se movem pelos seus caprichos egoístas — não é assim, que dentro do regime actual, para o qual de minha cota parte, não como merecendo mas como idealista — por uma sociedade mais livre, mais nobre, mais elevada, onde a liberdade e igualdade não pudessem ser amarranhada por criaturas sem educação, que apenas

O QUE VAI PELA INGLATERRA

Os fascistas e comunistas estão prestes a medirem as forças

LONDRES, 18.—As ferias parlamentares oferecem-nos a ocasião de falarmos sobre dois movimentos que estão, até certo ponto, à parte da política actual inglesa: o comunismo e o fascismo.

O comunismo nunca conseguiu criar raízes em Inglaterra: o temperamento inglês não é revolucionário, e o inglês típico é refratário em prestar atenção às ideias abstratas.

E verdade, que há quem diga que uma revolução é muito possível; mas a causa da luta, está já bem definida e é material— a questão dos salários e das horas de trabalho.

Se, partindo deste ponto de vista, a batalha tivesse tomado grandes proporções, teríamos visto os espíritos inflamarem-se pelas novas doutrinas, por um grande sentimento de idealismo e os interesses individuais apenas figurariam em segundo plano.

Mas, na origem pelo menos, para excitar o público britânico, é necessário algo de mais solido: que o sonho de uma perfeição moral: «Nós somos práticos» dizem com atitude.

Em segundo lugar, o operário inglês, o contrário do operário russo, beneficia dum instrução primária suficiente e toda a população está repartida por um grande número de associações de toda a espécie, sindicatos, industriais, etc.

Todo este sistema constitui um obstáculo aos movimentos revolucionários. Qualquer bôa vontade neste sentido, encontraria uma infinidade de escolhos e desapareceria antes de ter chegado ao seu fim.

A propaganda comunista tenta contra todas estas dificuldades, nunca foi capaz de encontrar a força necessária para vencer a inércia da população.

O descontentamento operário

Dito isto, o descontentamento do operário inglês não é fictício, e de ano para ano aumenta sem cessar; o seu ódio, a sua impaciência, a sua revolta, são dirigidos mais contra os proprietários e o capitalismo, do que, contra os homens políticos, e sómente a repercussão consegue atingir o partido conservador, onde enfleiram a maior parte daqueles que o povo inglês aprendeu a odiar como sendo as imagens vivas da tirania que o esmagava.

Para chegarmos às particularidades, diremos que os comunistas, relativamente, são pouco numerosos, mas em compensação fazem uma algarazza em desproporção com a sua força. Com grande custo conseguiram eleger dois representantes na Câmara dos Comuns, Newbold que em tempos representou uma circunscrição da Escócia e Saklatvala, que representa uma circunscrição de Londres.

Newbold não pôde conservar o seu mandato e chegou mesmo a renunciar ao comunismo. Saklatvala, tipo astucioso e um tanto misterioso, é, pelo menos, suspeito: está em relações com um das mais ricos industriais da Índia e envia — segundo dizem — o seu filho à escola de Harrow — uma dessas escolas de élite que os ingleses se gabam de possuir, mas onde ninguém envia um rapaz com a intenção de que ele recebesse uma boa educação.

O comunismo é, portanto, uma partida perdida para os ingleses.

No entanto, a última ameaça dos grandes proprietários de carvão, teve o efeito de abalar a consciência dos operários, e em certos distritos, como no País de Gales e na Escócia, a exaltação dos espíritos é enorme.

Duas facções fascistas

Por outro lado, nós vemos elevar-se na nossa frente a figura do fascismo. Fundado por uma mulher (a inglesa é capaz de tudo) o fascismo, imitação patente dum mau modelo, tinha, no comégio, um aspecto um pouco ridículo. Ainda não perdeu esse aspecto, embora se tenha tornado um pouco mais sério.

O fascismo «desenvolveu-se» a tal ponto que até teve o luxo de se dividir em duas partes.

Os «fascistas britânicos», são os «Bourbons» da Inglaterra. Velhos coroneis de môleira, empedernida, sustentáculos das classes privilegiadas, amadores de cerimónias de grande pompa e de mascaradas rituais, esta gente sem inteligência representam, no entanto, uma ação formidável da sociedade inglesa.

Os «fascistas nacionais» são jovens imbeciles das maneiras académicas dos outros, dos românticos; são compostos dum pequeno estatuto maior subvenzionado pelos aristocratas, cujo tipo é o duque de Northumberland, e dum tropa, fandanga recrutada entre jovens operários atraídos para a esquadra da Ajuda onde esteve instalado.

Também este priso foi passado uma noite pela cidade, de «side-car», tendo o agente que o acompanhava e o «chauffeur» ameaçado de lhe tirarem a vida na primeira travessa escura, conduzindo-o pela rua Maria Pia, até à esquadra dos Terramoto, onde dois agentes afirmaram ser ele um dos autores do autentado (a-pesar-de terem sido presos *mais de cem* «autores» do mesmo).

Levaram-no então para uma travessa escura, e, enquanto o agente lhe apontava a pistola o «chauffeur» agrediu-o com socos no nariz, ordenando depois o agente a este que seguisse, ordem que ele cumpriu de mau humor, levando-os para o governo civil.

O choque entre o «trade unionismo avançado» e o fascismo é inevitável.

Já se produziram alguns incidentes, mais picarecos do que importantes, mas tudo isto é apenas um comégio. (E.)

O PASSEIO A SINTRA

promovido pela Comissão Escolar da Censura Civil

E' amanhã que se realiza o excelente passeio à aprazível vila de Sintra promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil.

A partida efectua-se da estação do Rossio, às 5,50 e o regresso faz-se às 19,30. A excursão é acompanhada pela banda da Filarmónica Verdi e pelo grupo musical «O Cravo» que durante o trajecto e no Campo dos Seteais onde se realiza o «pic-nic» executarão alguns trechos do seu repertório.

Os bilhetes que restam encontram-se a venda na administração da Batalha, das 11 às 23 horas de hoje. Os que possuem bilhetes para o passeio devem vir hoje à administração deste jornal ou à sede do Sindicato da Construção Civil trocá-los pelos de Caminho de Ferro, durante as horas que acima indicamos.

Os que adquiriram bilhetes na Academia Verdi devem trocar os pelos de embarque na sede desta colectividade, das 20 às 22 horas. O produto desta excursão reverte, como dissemos, a favor das Escolas da Construção Civil.

DESPEDIDA

Manuel Peres, o incansável militante da organização sindicalista de Espanha, a quem a reacção daquele país forçou a exilar-se, saiu há pouco de Portugal, incumbindo-nos de transmitir aos seus amigos e camaradas os seus agradecimentos pela leal solidariedade prestada e um abraço de despedida.

Como se tratam presos

Na Penitenciária as refeições são repugnantes e perigosas para a saúde

E' intolerável a forma porque neste país são tratados os presos.

Não basta já que os privem da liberdade, muitas vezes sem motivo, que os encarcerem em calabouços e cadeias, onde a higiene é coisa desconhecida; os polícias e carcerários, achando que isso é pouco, toparam a seu cargo tornar maior a tortura dos que têm a infelicidade de lhes caír nas garras.

Temos vindo relatando uma série inúmeras de casos em que esses cavalheiros exorbitam das suas funções. De novo hoje, temos a referir casos dessa natureza.

Da Penitenciária escreve-nos Abílio Jai-

me Barreiro, queixando-se contra a má qualidade da alimentação que ali é fornecida,

especialmente a refeição da tarde, que tem um cheiro repugnante.

Devido a isso encontra-se há quatro dias bastante mal de estômago e intestinos, pelo que o enfermeiro lhe deu um purgante.

Ontem foi ao médico, e este, sem lhe prestar atenção disse que era de comer pepe e pimentas, coisa que este ano ainda não foi fornecida aos presos e receitou-lhe outro purgante.

Quanto à alimentação, ninguém ali se incomoda, se algum preso adoce, atribuem isso sempre a outras causas, nunca à pésma alimentação.

A ferocidade de dois agentes — Um preso espacado várias vezes nos calabouços das esquadras

Também do calabouço nº 5 do governo civil nos escreve António Alfredo dos Santos, preso em 12 de Julho e acusado de um furto.

Interrogado a 15 desse mês, no governo civil, como não confessava o crime que lhe imputavam agrediram-no, e, como ele gritasse, enviaram-no para a esquadra de desengoncamento moral... e físico: é que ele, estando muito sozinho, fôrçado, pelo Pinto Moreira, a meter-se, juntamente com as filhas, num automóvel, a fim de interceptar a passagem aos ditos congressistas...

Explica-se, até certo ponto, o seu estado de nervosismo, de neurose, de desengoncamento moral... e físico: é que ele, estando muito sozinho, fôrçado, pelo Pinto Moreira, a meter-se, juntamente com as filhas, num automóvel, a fim de interceptar a passagem aos ditos congressistas...

Nem Manuel Pestana da Silva, nem o sr. Pinto de Sousa, nem os acionistas, manda mais do que o «escravado»—doutros empresários—Pinto Moreira. Ele é o principal «ôn» da Companhia. Todos os outros são satélites, de pequena grandeza, que giram à volta do detestado Moreira.

As que chegou o sr. Pestana da Silva, nem tivesse desrido à categoria de obediência cego do Pinto Moreira, não viria dizer aos congressistas que a sua proibição brusca obedecia ao simples facto de que queria manter a disciplina livre de maus precedentes, pois a Companhia não admitia visitas nem aos negociantes de vinhos ou outras quaisquer pessoas. Para evitar abusos, procedia daquela maneira.

Como aquilo, porém, fôr um recado ensinado pelo Pinto Moreira, passados dois dias desequilibram-se os maus precedentes, da disciplina, dos bons «hábitos» da Companhia, e permitem a visita a outras pessoas mais cativas e «estrangeiradas»...

E sabem os leitores de *A Batalha* porque é que isso sucedeu?

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá! Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aquela alvura dos colos sensuais, aquele rosado de lindos braços nus faziam despertar o apetite ao mais insonte geral dos jesuítas da Companhia de Jesus, eis a razão da excepcional quebra de disciplina... Puderá!

Se em vez de congressistas vincolas fôssem congressistas... feministas, havia a certeza de que o Pinto Moreira não obrigaría o sr. Pestana da Silva a desempenhar um papel de tão triste figura — nem ele o desempenharia, porque, a-pesar-de idoso, não é, contudo, de pau...

Porque, entre aqueles cavalheiros *chics*, tão amavelmente recebidos, figuravam umas *cavalheiras* dengosas, estonteadoramente perfumadas, provocante, lascivamente decotadas, isto é: ponco menos do que nuns — que até causam espanto ao próprio pessoal. Ora como aqueles rendilhados decotes, aqu

A BATALHA

O operariado deve lutar pelo regresso dos deportados à metrópole. É justo e é humano.

Sobre a orientação sindicalista dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e sua Federação

(Irei a discutir no próximo Congresso Rural)

Camaradas congressistas:

Não temos a pretensão, ao elaborarmos esta tese, de querer tolher a liberdade de pensamento de quem quer que seja. Temos em mira única e simplesmente defender a organização dos rurais, evitando que ela siga caminhos errados, embora haja quem deseje o contrário que fico dito.

O tempo tem demonstrado bem claramente quais as ideias que devem nortear a organização de resistência dos trabalhadores. Sabemos bem que as divergências de ideologia são a resultante do caminho que cada indivíduo quer seguir para o futuro, mas por si próprio.

Há indivíduos que dizem e confirmam que vêm para dentro das associações para defender os seus interesses.

Há outros que dizem vir para dentro das associações defender os interesses de todos, sacrificando mesmo os seus interesses pessoais em favor dos interesses gerais, incluindo, como não pode deixar de ser, os seus mas em igualdade de circunstâncias.

Qual destas duas maneiras de dizer e pensar será a mais verdadeira? Podem-nos ser as duas. Parece, entretanto, que aquela que exprime mais abnegação e espírito de sacrifício é a segunda. Ambas têm carácter sindicalista; mas a segunda exprime com firmeza o conceito revolucionário.

Quanto aos que dizem que vêm para dentro das associações para defender os seus interesses, estes podem dizer a verdade e serem ao mesmo tempo inimigos da organização. Basta só que tenham um outro interesse particular: levar o desmantelamento à mesma organização, para que prosperem os partidos de que fazem parte, como tem sucedido nestes últimos tempos com diferentes adeptos a um partido estatal e governamental, parlamentarista e ditador e os partidários da I. S. V., irmãos gêmeos dos primeiros.

Outra, depois de tantos séculos de dominação das castas e classes exploradoras e tirânicas em que estas formaram seus partidos políticos com diferentes nomes, todos eles, mais ou menos, se apresentaram como defensores do povo.

Na realidade o que elas sempre defendem foi os privilégios e privilegiados, e procedendo assim procedem contra o povo trabalhador. Assim tem sucedido e sucederá enquanto os trabalhadores não mudarem de rumo, deixando de parte o caminho que têm trilhado durante muitos séculos.

E o que o fim dos políticos é sempre apoderar-se do poder do Estado, embora que pela força das armas, e submeterem o povo aqueles que dispõem do poder económico que é a riqueza social.

Isto é também o resultado da ação reformista que não deixa de ser conservadora, com a sua pretendida colaboração de operários e patrões, com interesses contrários e opostos.

A experiência de muitos, dezenas de anos tem-nos demonstrado que onde a classe operária deve estar é na organização sindicalista revolucionária, porque é a que define bem claramente a separação que existe entre os exploradores e os exploradores; é nos seus sindicatos ou associações de classe, orientados dentro dos princípios da luta de classes, exercendo hoje uma ação de conquistas e melhoramentos parciais, dentro ou fora da lei, e preparando desde já condições especiais para, quando da Revolução, estar apta a tomar a terra, os instrumentos de trabalho e a matéria prima.

E assim, de posse, como de direito, de todos os meios de produção e de consumo a classe operária, por meio da organização sindicalista, procederá à distribuição, sem necessidade dum poder político autoritário, democrático ou ditatorial, que, por outro lado, aniquile todo o desejo de bem estar e de liberdade a que todos têm incontestável direito.

Nós sabemos muito bem que todos os partidos políticos estatais, parlamentares ou ditatoriais, têm o mesmo fim que é o de tomarem conta do Poder para cometerem e darem de comer aos seus partidários à tripa fórra, para se manterem e conservarem na posse do poder do Estado e tirânicamente manter privilégios privilegiados, à custa da miséria, da fome e da dor dos milhões de famílias proletárias que vegetam em lugubres, tantas vezes lugubres, sem luz e sem ar.

E é uma cruel verdade esta, que a história registra e ainda se observa desde as monarquias mais conservadoras à República mais liberal e democrática.

Nos Estados de uma ou outra natureza o povo tem-se manifestado pela conquista de mais pão e liberdade, tendo sempre regado com o seu sangue as ruas no passado como no presente.

E o que tem sucedido? Veja-se o que se passou na Alemanha e na Rússia. São simbólicos exemplos respeitantes a políticos "avançados".

O povo alemão, orientado pelos valentes espartaquistas, lança-se numa luta rude, com fins revolucionários. E foi o partido socialista que, estando de posse do poder, afogou essa revolução em sangue, em puro proveito do capitalismo e da burguesia.

O povo russo fez também a sua revolução, a mais grandiosa de todos os tempos.

E o que tem sucedido? Os socialistas, que depois passaram a chamar-se "comunistas", concentraram em metade da terra todo o poder do Estado, criaram um formidável exército de "Comissários" e de burocratas, uma polícia (Tcheka) com poderes absolutos, um exército como os dos burgueses que crismaram de "vermelho"; chamaram a si todo o poder sobre as fábricas, as oficinas, os campos, sobre os operários, os camponeses e os soldados; de tudo começaram a dispor a seu belo prazer e a todos impuseram um regime de disciplina férrea, afogando em sangue todas as aspirações de liberdade de pensamento e de crítica, aniquilaram os operários das cidades (todas as possibilidades de desenvolvimento económico e levando, à força de incendiarem aldeias e de fuzilarem) dum milhão de camponeses, todo aquele grande e valorosoovo mais

cega das oportunitas, acabando por impôr-lhe uma política econômica eminentemente burguesa de propriedade individual, de sacerdote e a escravidão dos regimes burgueses. E tudo isto, que é apenas um reflexo da realidade, é feito em nome dos operários, dos camponeses, dos soldados e marinheiros e subordinado ao pomposo título: *Ditadura do proletariado*!

E porque tem havido muito quem proteste, muitos têm havido que fôraram fuzilados sem julgamento enquanto outros gemem ainda no deserto da Sibéria e nas florestas masmorras do antigo Czar, embora muitos deles fôssem e ainda sejam "comunistas", mas daqueles que de alguma maneira manifestam a sua discordância com o que se passa.

Tão autoárquica política não podia dar em resultado outros meios que não fôssem os autocráticos e ditatoriais a impôr à organização operária de todo o mundo, como sucede com as Internacionais Comunista e I. S. V., o que está em contradição com todas as liberdades e com o sindicalismo revolucionário.

Este, por que respeita a autonomia dos indivíduos nos sindicatos, dos sindicatos nas Federações e destas na Confederação, que mantêm o princípio de resolução e妥协 (compromisso) para o composto, está em oposição a todas as facções políticas visto que no seio destas as "ordens", quais indiscutíveis vêm de cima para baixo; do homem ou dos homens "superiores" para os homens simples e humildes cumprirão.

Ora aqueles que são assalariados e operários não podem nem devem deixar perder as poucas regalias e liberdade que existem e que fôraram conquistadas à custa de grandes sacrifícios do povo escravizado, habituado pelo próprio experiência a contrair com o seu esforço próprio.

O funcionamento, que devido na maioria dos casos à maneira como deu entrada nas repartições do Estado, é ainda das poucas entidades para quem os políticos nesta crise situam-se lembram de apelar, e então, nada mais natural, já que pela sua união e espírito combativo se não pode impor, que o menos se preparasse para a esses políticos responder com aquele interesse e carinho, com que eles têm respondido às suas justas reclamações e sensatos pedidos.

Rumoreja-se por aí uma lista de funcionários que pretendem disputar alguns "fauteus" de São Bento. Não sei nem tal me interessa qual o fim que norteia tal lista, uma vez que, demasiado demonstrado está a inutilidade dos parlamentos, constituiu-se a sua maioria, apenas para satisfação das clientelas, antecipadamente associadas a desmobilização das benesses que se poderem optar, e ainda de, que, não é à falta de funcionários públicos com assento ali, que o funcionamento deixa de ver satisfeitas as suas reclamações, no entanto se elas visam apenas a enfraquecer os partidos que até agora descompõem-se mutuamente e descreditação com os seus torpes processos o regime que dedicadamente implantámos e temos defendido, apenas nos tem esquecido, estando completamente de acordo; de contrário não poia para mal basta o que os outros têm feito.

Ora a organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, feita e dirigida pelo povo e para o povo, em defesa da sua liberdade e do seu bem estar económico, e não uma revolução para os comunistas ou quaisquer outros políticos, que sóbre o povo descreguem, depois todo o peso da sua tirania e em defesa de novas castas privilegiadas.

A organização sindicalista concorda e trabalha para a Revolução, mas para uma revolução do povo, fe